

# Econômico Brasil Levy nos EUA, falando sobre Tancredo.

A. M. Pimenta Neves, correspondente em Washington.

31 OUT 1984

O deputado federal Herbert Levy (foto), da Frente Liberal, declarou ontem, em Washington, numa palestra promovida pelo Instituto de Economia Internacional, que a crise da dívida representa tremendo custo social e político para o País e estímulo para os radicais e que Tancredo Neves, se eleito, será pressionado a propor uma revisão das negociações do Brasil com seus credores, para que estes assumam parte do ônus do ajustamento nacional.

Ao apresentar Herbert Levy aos participantes do almoço, o diretor do instituto e ex-secretário-assistente do Tesouro, C. Fred Bergsten, disse que o político brasileiro era um verdadeiro "homem da Renascença", autor de dez livros, professor universitário e empresário. Entre os participantes estavam funcionários do governo norte-americano e principalmente economistas oficiais e privados.

Tanto Bergsten como o ex-embaixador norte-americano no Brasil John Crimmins e outras pessoas questionaram o deputado brasileiro sobre a orientação que o ex-governador Tancredo Neves imprimiria à política econômica, principalmente internacional.



Levy respondeu que Tancredo é um homem de inclinações conservadoras, mas que estará sob extrema pressão para rever os termos da distribuição de responsabilidades na questão da dívida, entre o País e seus credores. Segundo Levy, "o custo anormal do dinheiro e do petróleo representaram acréscimo imposto de fora para dentro do Brasil de 50 bilhões de dólares, num total de 82 bilhões de dólares, cifra oficial do endividamento em dezembro de 1982". Assim, disse, a dívida do Brasil não resultou da construção de projetos faraônicos, como se afirmou.

Quando o professor Riordan Roett, um especialista em assuntos latino-americanos da Universidade Johns Hopkins, perguntou-lhe o que aconteceria se Paulo Salim Maluf fosse eleito, Herbert Levy respondeu, meio incrédulo: "Maluf? Você está fazendo essa pergunta ao homem errado".

Depois comentou, referindo-se ao candidato do PDS: "Ele é muito impopular. Tem apenas 18% dos votos". Além disso, disse Herbert, Maluf não aceita "limites morais" e "seus métodos são profundamente condenados".

— Prefiro ignorar a possibilidade de Maluf vir a ser eleito — disse Levy, provocando risos nos presentes.

Mas, apesar do interesse dos participantes em obter informações sobre a evolução política do Brasil, Levy concentrou-se na questão econômica. Na sua palestra propria-

mente dita, condenou as prescrições do Fundo Monetário Internacional para o Brasil, afirmando que não se propõe solução para o desemprego no País e 18 milhões de brasileiros não têm como sobreviver.

Só elogiou o FMI pela pressão que exerce sobre o governo a fim de que reduza o déficit do setor público. Na opinião de Levy, as empresas estatais deveriam ser privatizadas. Com seus déficits, para obter financiamento, dispõem-se a pagar taxas mais altas, competindo de maneira injusta com o setor privado por recursos e contribuindo para acelerar a inflação, afirmou.

Levy disse que tem um plano para criar um novo Meio-Oeste no Brasil. Referia-se à região produtora de grãos nos Estados Unidos. Para Levy, o nosso cerrado poderia desempenhar o mesmo papel. Afirmou ser impossível distinguir entre as terras conhecidas como férteis e o cerrado que explorou nos últimos 12 anos com seus filhos.

O deputado brasileiro não se impressiona, contudo, com o fato de que o Brasil pode crescer de 2 a 3% este ano. Esse crescimento, disse, decorre exclusivamente das exportações e do aumento dos preços da carne, da laranja e de outros produtos. Enquanto isso, o consumo de alimentos diminui. A renda per capita do brasileiro caiu 11% de 1980 a 1983, observou. E, apesar desse sacrifício, "não pagamos um dólar sequer do principal da dívida (para com os bancos)".